

A capacidade imaginativa e simbólica infantil, em seu curso de desenvolvimento, é imensurável. As narrativas da literatura infantil oferecem à criança a simbologia com a qual se pode brincar, sonhar e ressignificar suas experiências emocionais, com uma multiplicidade de sentidos para a compreensão de anseios e angústias.

**Camila Cuencas Funari Mendes e Silva
Mariele Rodrigues Correa**

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 12, p. 117–128
jul./dez. 2014*

Análise das relações intergeracionais no livro “A menina, o cofrinho e a vovó”, de Cora Coralina

Analysis of intergenerational relationships through the book A menina, o cofrinho e a vovó, Cora Coralina

CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA*
MARIELE RODRIGUES CORREA**

Resumo

Este artigo apresenta uma análise do livro *A menina, o cofrinho e a vovó*, de Cora Coralina (2009), como subsídio para refletirmos sobre as relações intergeracionais entre avós e netos. De caráter qualitativo, o caminho metodológico é formado pela utilização de alguns conceitos psicanalíticos como referência para análise dos componentes simbólicos presentes na obra. Com a construção de um olhar psicanalítico, destacamos a importância da construção dos vínculos simbólicos e das heranças imateriais transmitidas entre gerações.

Palavras-chave: Relações intergeracionais. Avós. Netos. Literatura infantil.

Abstract

This article presents an analysis of the book *A menina, o cofrinho e a vovó*, by Cora Coralina (2009), as subsidy to relate intergenerational relationships between grandparents and grandchildren. Qualitative methodological path is formed by the use of some psychoanalytic concepts as reference for analyzing symbolic components present in the work. With the construction of a psychoanalytical study, the article highlights the importance of the

* Psicóloga, Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, Pós-graduanda em Psicologia, mestranda na UNESP / ASSIS, área de conhecimento: família e sociedade; Email: gustavotwins@hotmail.com

** Doutora, Mestre e Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da FCL-UNESP, campus de Assis (SP); Email: mariele@assis.unesp.br

construction of the symbolic links and intangible heritages transmitted between generations.

Keywords: Intergenerational Relationships. Grandparents. Grandchildren. Children Literature.

1. Introdução

As relações intergeracionais são construídas no contexto familiar pela interação entre seus membros. Na contemporaneidade, um dos fatores que imprimem algumas mudanças nesse cenário é o crescente processo de envelhecimento populacional, especialmente em nosso país (CAMARANO, 2009), que pode trazer uma presença cada vez mais acentuada dos avós em algumas configurações familiares.

A instituição familiar, como se sabe, é construída historicamente e seus sentidos, papéis e configurações se modificam ao longo do tempo, especialmente na contemporaneidade (MOÁS, 2009). São vários os autores que se dedicam a essa temática, por ser um eixo da formação de indivíduos, suas gerações e suas histórias (ARIÈS, 1981; DIAS; COSTA; RANGEL, 2005; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2005; PASSOS, 2005). Nesse contexto de mudanças, destacamos a participação dos avós na família, uma vez que se encontram mais presentes e ocupando diferentes funções, pois as novas construções sociais e culturais acerca do envelhecimento vêm reconfigurando os papéis assumidos por cada membro da família contemporânea (PACHECO; ALVES, 2012).

Como a família é uma construção histórica, sua base é formada por fatores sociais, econômicos, culturais; como um organismo mutável, em cada época, sofre transformações. As mudanças familiares que norteiam o cenário contemporâneo são compostas por reminiscências da nossa colonização por Portugal (FREYRE, 1963). Com isso, seu início é composto por culturas e etnias diversas, fator que a define como pluricultural. Reproduzindo o modelo patriarcal do período colonial, vivem “em família” pais, filhos, parentes, agregados, todos obedientes ao pátrio-poder.

No final do século XIX, busca-se a intimidade e a privacidade com o modelo de família nuclear (composta por pais e filhos), concomitante ao processo de industrialização e modernização crescente. Na década de 60 do século XX, o controle das taxas de natalidade, com a pílula anticoncepcional e a inserção da mulher no mercado de trabalho, ajudou a produzir novos papéis atribuídos a homens e mulheres, assim como o aumento de casos de divórcio e/ou separação do casal. Atualmente, o aumento da expectativa de vida, as famílias monoparentais, homoafetivas e as “famílias-cangurus”¹ são expoentes de novas formas de composição familiar (MOÁS, 2009; VITALE, 2010).

Os integrantes familiares podem estabelecer novas e importantes trocas culturais e simbólicas, devido às mudanças demográficas que permitem

¹ Famílias – Cangurus, segundo Vitale (2010) são compostas por diferentes gerações de uma família que convivem em um mesmo ambiente doméstico. Um exemplo de “família-canguru” seria uma configuração de pais, filhos e netos morando juntos, em uma só residência.

o maior convívio entre gerações. Ao falarmos em trocas simbólicas intergeracionais, ressaltamos sua importância como representação de algo ou alguém, sendo compostas por elementos inconscientes e expressos de maneira consciente, com uma linguagem específica, mas de compreensão universal, segundo a teoria psicanalítica. (FREUD, 1900/1996).

Para exemplificar os intensos laços intergeracionais e as trocas simbólicas construídas nessa relação temporal entre passado e futuro, representados aqui na relação entre avós e netos, escolhemos a Literatura Infantil como manifestação artística para falar sobre o relacionamento entre gerações. Esse tipo de arte pode ser compreendido como fonte privilegiada de transmissão de valores que compõem um determinado modo de vida (RADINO, 2003). Seus recursos, que abrangem realidade e ficção, são alicerces para a infância, fase esta de construção de uma unidade psíquica com um olhar singular sobre o mundo, por meio do relacionamento em sociedade, com suas regras e conceitos.

A capacidade imaginativa e simbólica infantil, em seu curso de desenvolvimento, é imensurável. As narrativas da literatura infantil oferecem à criança a simbologia com a qual se pode brincar, sonhar e ressignificar suas experiências emocionais, com uma multiplicidade de sentidos para a compreensão de anseios e angústias. As metamorfoses vividas pelas crianças e as metáforas literárias permitem a utilização de conceitos psicanalíticos para a compreensão dos processos mentais (LEITE, 1967).

A Literatura Infantil vem ao encontro do pluralismo e do reconhecimento freudiano da infância (e dos legados geracionais), considerando o desenvolvimento como um processo lento, podendo ser por conflitos. Quando há a identificação com um personagem, sejam heróis, sejam heroínas, a criança, com sua imaginação, vai estruturando sua personalidade e juntando elementos que formarão sua unidade psíquica.

Nesse sentido, é oportuno procurar compreender como um espaço simbólico pode ser constituído (no caso dos netos) e ressignificado (no caso dos avós), reiterando-se a concepção do envelhecimento como processo. Portanto, os avós são representantes da memória das civilizações e da transmissão de valores, sendo estas fontes potenciais de formação simbólica (BARROS, 1987).

Assim, no presente artigo, destacamos o livro *A menina, o cofrinho e a vovó*, de autoria de Cora Coralina (2009), que traz importantes contribuições para refletirmos sobre diversas temáticas, como o papel social dos avós nas configurações familiares, as heranças simbólicas transmitidas pelos mais velhos e as profícuas trocas entre gerações. Além disso, evidencia-se o papel da literatura infantil como instrumento de socialização e conscientização, a partir da infância, e de respeito e valorização do envelhecimento, por meio dos avós.

Com tais características, literatura e sociedade são agentes de transformações. Quando uma história é contada ou lida, cada um à sua maneira

pode vivenciar esse conteúdo e confrontá-lo com sua realidade. Esse ato reflexivo habilita o nascimento de um posicionamento crítico de sua realidade, de sua própria história. Infância e velhice tornam-se expoentes de socialização com a arte literária. Saboreando cada palavra e imagem de um livro destinado ao público infantil, apresentamos, finalmente, *A menina, o cofrinho e a vovó*, de Cora Coralina (2009).

2. A escritora-avó e análise da obra *A menina, o cofrinho e a vovó*, de Cora Coralina

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889/1984), nascida em Goiás Velho, foi caçula de três irmãs e viveu com sua mãe, avó e bisavó, devido ao falecimento de seu pai um mês após seu nascimento. Poetisa e contista por natureza e doceira por vocação, rompe com os conceitos e preconceitos de sua época e decide ser Cora Coralina, aos 14 anos de idade. A escolha de um pseudônimo reflete seu desejo em buscar sua subjetividade e imprimir sua autenticidade em prosas e versos. Segundo ela, havia, em sua época, uma infância silenciosa, sem direitos e reconhecimento, o que a motivou a escrever para as minorias marginalizadas, como crianças, velhos, lavadeiras, prostitutas (BRITTO, 2009). Mesmo com seu pouco estudo, pois Cora só frequentou os primeiros quatro anos do primário, ainda no início de sua adolescência, publica suas obras em jornais locais, mas só possui reconhecimento nacional com o lançamento de seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, em 1965, com 75 anos de idade (DELGADO, 2005).

As paisagens naturais e arquitetônicas, como as ruas e os becos de Goiás que a rodeavam, serviam-lhe de matriz simbólica para a discussão de sua realidade, assim como o Rio Vermelho, cujo leito era vizinho da casa em que residiu, na infância. Tanto que ela se define como o rio, e a vida, como um movimento contínuo. Sua obra é construída como uma narrativa biográfica (CAMARGO, 2002; BRITTO, 2009), assim como seu livro infantil. Teve uma vida de muitas lutas. Residiu no interior do estado de São Paulo, na cidade de Jaboticabal, por muitos anos, e, com morte de seu marido, recorre à venda de livros e linguiças para sobreviver. Retorna a Goiás depois de longos anos (mais precisamente, após 45 anos), com dificuldades financeiras, e descobre seu talento como doceira, para sustentar seus filhos. Aliás, ela se considerava melhor doceira que escritora.

O livro *A menina, o cofrinho e a vovó* é uma história autobiográfica que Cora, aos 78 anos, escreve especialmente para sua neta Célia. Em sua obra, a autora dedicou alguns de seus escritos ao público infantil, lançando ao todo cinco livros para crianças, que são: *A moeda de ouro que um pato engoliu* (1982); *Os meninos verdes* (n/d); *O prato azul pombinho* (n/d); *Os cocadas* (n/d). Mas queria deixar registrado na memória do tempo a importância da relação com sua neta. A nossa escolha por Cora também se fez por ser uma escritora avó. O livro escolhido, em especial, assim como a prosa da autora, com uma linguagem simples e de fácil entendimento, sensibiliza crianças e adultos.

Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 12, p. 117–128
jul./dez. 2014

Simbolizada como uma ponte entre a velhice de Cora e a infância de Célia, essa narrativa nos traz importantes elementos para a discussão sobre a relação entre gerações e a primazia desse contato. Na história, uma velha avó, que vivia sozinha por opção, precisava se sustentar. Decidiu se arriscar como doceira, já que havia aprendido o ofício com suas tias. Trabalhou muito, dia e noite, lutou e perseverou. Porém, o sabor especial e inigualável de Cora vem com uma singela ajuda de neta Célia que doa à avó suas economias para a compra de uma geladeira para conservar seus doces. Conservados, assim, ficaram os laços afetivos e simbólicos entre duas gerações.

Logo na capa do livro, encontramos um simbolismo que sugere sua leitura. Em sua ilustração, há uma avó com seus cabelos brancos delicadamente presos em forma de coque, uma feição e um olhar ao horizonte, dessas imagens que sugerem uma pessoa que tem muitas histórias para contar. Com roupas discretas, em uma das mãos, segura uma pequena bolsa de moedas e, na outra mão, um pequeno guarda-sol. Nessa história, a avó e a neta não têm nomes, oferecendo aos pequenos leitores uma fenda para o exercício da imaginação e da fantasia. Cada um, de acordo com sua história de vida, poderá atribuir-lhe um nome e uma idade que lhe satisfaçam. Na pequena bolsa da avó, cabem muitas histórias, sonhos, segredos e riquezas, os quais podem ser protegidos em toda a extensão de seu pequeno guarda-sol.

E, assim, a avó-autora narra sua história. “Era uma vez uma velha que morava sozinha numa cidade muito antiga e tinha uma casa-grande na beira de um rio, um rio atravessado de pontes e cheios de estórias” (CORALINA, 2009, s/p). A avó se autodenomina velha e mora sozinha por opção. Logo no início, chamamos a atenção para a descrição de uma velhice que se assenta no signo do “velho”, mas não com o sentido de desqualificação que hoje lhe atribuímos, como usado, gasto e inútil (PEIXOTO, 1998; CORREA, 2009): esse “velho” de velhice nos sugere outros sentidos, mais atribuídos à experiência, à sabedoria, etc. Tal estratégia discursiva da autora está na contramão dos discursos sociais, pois essa avó demanda sua identidade, vivendo à sua maneira, e encontra na velhice e na “avosidade” a possibilidade (e não a restrição) de resgatar as raízes de sua história a elaboração de sua vida.

A partir do alimento, Ana e Cora nos falam da maturação psíquica, pois, mesmo com a distância, podiam trocar seus conteúdos e constituíram uma moeda de troca. A neta proporcionou um reconhecimento simbólico à avó, recolocando-a na trama edipiana² e no recebimento de investimento simbólico (BIRMAN, 1997). Com representação familiar, por meio de sua neta, a avó busca sua história e seu destino, revelando-nos as incertezas, os limites e os obstáculos que a acompanharam em toda a vida. A busca por nossas origens e as indagações acerca de nosso desenvolvimento são elementos no

² Birman (1997), baseado na teoria freudiana do desenvolvimento mental atravessado pelo Complexo de Édipo, entende que os idosos (aqui enfocamos os avós) passam por um processo de desvalorização social e este traz consequências psíquicas. Como alternativa, o autor sugere que recolocar o idoso na trama edipiana, especialmente no contexto das relações familiares, é assegurar-lhe um espaço de trocas simbólicas, imprescindíveis à saúde física e psicológica.

curso de desenvolvimento psíquico em uma concepção psicanalítica, questões estas que envolvem o complexo edípico e um contorno narcisista.

O complexo de Édipo opera no reconhecimento das diferenças, limitações e proibições e o narcisismo prima pela constituição psíquica individual e também nos relacionamentos, aqui sustentados por avós e netos. E, na história de Cora, assim como o curso do rio que batia à sua porta, a vida movimentava-se:

A velha tinha filhos. Tinha netos e bisnetos e todos moravam em cidades diferentes, bonitas e movimentadas e progrediam e criavam suas famílias com amor. A velha morava longe e sozinha. Não por nada. “Queria viver simples, sua vida, sua maneira, ao seu gosto e por isso se fez longe, na terra onde nasceu e onde tinha suas raízes fortes e vivas” (CORALINA, 2009, s/p).

A avó recorre às raízes vivas da cidade e da casa onde passou sua infância e juventude, para redescobrir uma maneira de poder se sustentar. E retoma, então, uma receita de doce, herança de família que havia aprendido ainda menina, uma herança cultural que (res)significou seu presente. Essa herança iria muito além de bens materiais percíveis e que podem se esvaír pela gastura da moeda ou da ação do tempo sobre objetos, terras ou edificações. Trata-se da herança de um doce, de uma “receita” de vida que é matéria a ser trabalhada diante das amargas adversidades, as quais, às vezes, se colocam no caminho da existência. Receita simbólica que é transmitida, elaborada e “laborada”: “[...] e começou. E mexe e vira e revira, acerta, faz e refaz, embalou mesmo. A velha era enérgica e de saúde rija. Trabalhou com fôlego de sete gatos” (CORALINA, s/p).

Recorrendo à sua memória construída em família, a avó precisava de um tacho de cobre especialmente antigo. O termo “antigo”, que pode facilmente ser associado a velho, em seu sentido pejorativo, torna-se ouro de mina, valorizado e perpetuado. Também os elementos da natureza emprestam a poesia, a força e a fertilidade de seu trabalho: “E foi indo. E foi indo e foi dando. Deu muito bonito sol e deu muito boa chuva. Deu noite e deu dia” (CORALINA, 2009, s/p). Referindo-se ainda ao ciclo da existência, vemos uma velhice que, passada a primavera da vida, colhe os frutos do outono do envelhecer: “As árvores brotaram flores e as flores viraram frutas de que a velha fazia doce” (Ibid., s/p).

Sua experiência, cristalizada em doces de frutas, metamorfose que alude ao envelhecer com elementos de realidade, com suas mãos cansadas e a necessidade do trabalho árduo para o público, compõe uma prosa prazerosa. A arte culinária, constituída pelos alimentos, funda uma linguagem do afeto necessário para a constituição da vida, perpetuado culturalmente: “(os doces) vão até o estrangeiro. Já foram saboreados na Riviera Italiana, na

América do Norte, em Chicago" (CORALINA, 2009, s/p).

Viver sozinha também lhe trouxe ônus. Simbolizadas pelo preparo de um de seus melhores doces, Cora tinha suas mãos queimadas pelo figo quente, mas, ainda assim, preparava-os com muito esmero, incorporando a dualidade pulsional, que é composta por duas forças antagônicas, que caminham lado a lado. Segundo a concepção psicanalítica do psiquismo, o sistema pulsional é congênito e opera durante toda a vida (FREUD, 1900/1996).

Pior mesmo do trabalho era a descascação dos figos, doce que todos queriam e que a velha fazia como ninguém. Descascar figos ferventados, um a um... Um pequeno canivete, um monte de frutinhas de pele áspera à espera [...] (CORALINA, 2009, s/p).

Mexer, misturar, apurar, o doce se fazia. A infância em um lento movimento também apura sua fantasia em contato com a realidade e a velha avó integra sua realidade interna e externa, misturando o presente, o passado e cozendo um futuro. E, por seguinte, pôde comprar novos tachos, sempre preferindo o "velho" cobre, um "velho" nobre dotado de tamanha beleza. "Mandava cigano soldar aformoseado, à moda deles, na perfeição bonita que marca as emendas e consertos de estrias, laivos amarelos. Enfeita o róseo do velho cobre. Areado, reluz em lindeza" (CORALINA, 2009, s/p).

Como já frisado, essa é uma história autobiográfica, apesar de não haver, no livro, a nomeação das personagens como Cora e Célia. Apenas ao final do livro, a autora faz menção à veracidade da história. Simbolicamente, os tachos da escritora-avó representam sua vida e cada tacho que pôde comprar representa uma fase, tanto que colecionou 14 tachos, simbólicos 14, que remetem a seu renascimento aos 14 anos, de Ana para Cora.

Hoje a velha tem catorze tachos em tamanhos todos. Nem usa tantos. Simbolismo. Ela fala, recusa a venda. Vê lá... Deixará, quando morrer, para filhas, netas e bisnetas. Símbolos vivos de seu trabalho produtivo. Ensino. Lição. Lição de vida. Sempre proveitosa (CORALINA, 2009, s/p).

Cora transforma tacho de cobre em poesia. Da herança material à herança simbólica, a autora define a transmissão psíquica entre gerações. Trata-se de uma herança que é composta por lembranças, memórias e experiências do passado no presente, de modo a vislumbrar igualmente uma descendência no futuro (REDLER, 1986; BARROS, 1987; VITALE, 2010), da mesma maneira que a autora e personagem deixará seus tachos, aparatos simbólicos e vivos entre as gerações. Nesse pensamento, temos ainda a passagem do tempo que se concretiza com as novas identidades entre filhas, mães, avó e bisavó, que Cora descreve como lição de vida, sua marca de evolução em

um período histórico. A interação entre avós e netos produz conteúdos que podem ser aformoseados pelo encontro, um bonito reflexo do que foi vivido e poderá ser transmitido e perpetuado, nas palavras de Cora, de uma forma “sempre proveitosa”.

As ilustrações dessa obra (de autoria de Claudia Scatamacchia) reproduzem a arquitetura da casa de Cora e da cidade de Goiás, levando-nos a saborear o prazer da leitura. São gravuras compostas por cores claras, mas que têm vivacidade, com movimento cíclico, assim como o mexido da colher de pau no tacho, harmoniosamente pinceladas conforme a sensação despertada pelo enredo. Cora sempre recorre à memória material de seu contexto, integra e estima a memória imaterial como um patrimônio a ser transmitido.

Mas ainda faltava a concretização de que seus feitos e doces seriam conservados. A avó precisava de uma geladeira, uma condensação de seus sonhos: retratar um tempo e um olhar pela arte de adoçar a vida com seus doces e palavras. Uma escrita definida como simples, que, em suas palavras, amortiza as dívidas impostas pela vida.

Cabe, a esta altura, explicitar para o leitor que não está de posse do livro que já passamos da metade da história. A avó-autora primeiramente se apresenta, sendo possível compreender a representação do tempo de um doce “apurar” e chegar ao ponto de cozimento. Passando por um pouco de sua história de vida, ela, por fim, narra um importante encontro com sua neta que não seria tão intenso, se não conhecêssemos seu passado. É quando as visitas chegam: filhas, genros e netos.

A dimensão temporal e simbólica é então expressa pela ação de uma neta “redonda, cabeludinha e afirmada” (CORALINA, 2009, s/p), que doa suas parcas economias e ajuda no pagamento da geladeira. A história não conta o nome, a idade e a história que as duas já haviam compartilhado, mas sabemos que era uma neta a qual possuía os atributos necessários para uma relação de trocas, um doar-se sem esvaziamento. Um gesto que fala por si, simples e inocente:

E quando a avó, comovida, falou: - Você me dá seu dinheiro e fica tão pobrezinha... Ela, a menininha, respondeu inocente, simples como uma flor: - “Eu ajunto outro, vovó”. Nas palavras da neta nos deparamos um futuro ainda em forma de botão, e nas palavras da avó: “Querida e sempre lembrada neta de tantos predicados, de tanto nobre sentir... sensibilibidades... a cachorinha apanhada na enxurrada... a roça de milho, arroz, feijão, alpiste... as mudas apanhadas ao léu dos passeios, plantadas e cuidadas... Tudo, tudo revelador de uma personalidade de botão” (CORALINA, 2009, s/p).

E a avó, com a ajuda das moedinhas advindas da economia da neta, pagou sua geladeira e prosperou. Sonhos que foram fertilizados, cuidados,

deram frutos como as jovens figueiras de Cora em produção. As moedinhas da neta foram adubos na busca de uma subjetividade em plena formação ainda na velhice, assim como os figos com fina e áspera casca lhe rendiam os melhores doces. A autora possibilita, assim, a crianças e adultos, seja no ambiente familiar, seja no escolar, saborear um livro com as paisagens de Goiás, coloridas com nuances de cor de abóbora, alimentando o imaginário com um encontro gratificante.

Cora e Célia, sua neta, a quem ela dedica o livro, são representantes de uma vida/obra de sabor inesquecível, que estimula as funções do pensamento como a arte culinária. Se empregarmos a concepção psicanalítica do aparelho psíquico, as paisagens descritas e ilustradas no livro, como a ponte, o rio e casa de Cora, são representantes sociais e fontes concretas de identificação e formação de personalidade. As figueiras em produção e todas outras árvores frutíferas são representantes do ciclo vital (ERIKSON, 1998), pois necessitam de chuva e de sol, necessitam do afeto como fertilizante para nutrição dos vínculos. Dessa maneira, Cora e Célia cozinham juntas uma compota de memórias que adoça o desejo de permanência, representada simbolicamente por uma geladeira, que tudo conserva.

E, assim termina a história: "Célia, minha neta, guarde bem esta estori-nha tirada do real. Ela saiu toda do velho e cansado coração da Vovó Cora. Goiás, 15.12.67" (CORALINA, 2009, s/p).

3. Considerações finais

Como escritora, doceira e avó, chama-nos a atenção, tanto na escrita quanto nos registros biográficos de Cora Coralina, a capacidade de se reinventar, de produzir sentidos e subjetividades, no encontro com o outro, ainda mais especialmente na velhice. Do "velho e cansado coração da Vovó Cora" (CORALINA, 2009, s/p) brota a poesia da vida, que é herança cheia de gosto e sabor, conservada e guardada pela pequena neta Célia. Ao doar suas economias, moedinhas praticamente simbólicas diante do valor real do objeto a ser comprado, uma geladeira para melhorias nas condições de produção do doce, a netinha estabelece uma relação de troca muito mais valiosa do que qualquer moderna geladeira no mercado. Ali, avó e neta trocam afeto, história, sentidos e valor ao trabalho, ao que é velho e novo, ao que permanece e se transforma entre o passado e o futuro.

Consideramos que o (a) avô (a) que conta suas histórias e a criança que as escuta e as internaliza são reciprocamente beneficiados. Por fim, a Literatura Infantil, com sua potencialidade criadora e reprodutora de informações, possibilita um elo entre avós e netos, em que prevalece a importância da transmissão de heranças imateriais, por meio de uma receita simbólica a gerações posteriores. Concluímos que a conexão entre a Literatura Infantil e a leitura psicanalítica é apropriada efecunda para análise das interações familiares produtoras de um universo psíquico, no qual infância e velhice são as principais protagonistas. Salientamos, ainda, a importância do desenvol-

vimento de pesquisas na Psicologia e, quiçá, em áreas afins, que coloquem os avós no centro das preocupações, considerando que os laços intergeracionais contribuem para o entendimento das configurações familiares no contemporâneo e para propiciar discussões de políticas sociais para a infância e a velhice.

Referências

- ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- BRITTO, Clovis Carvalho. Dar que falar às bocas de Goiás: estratégias e repercussão do projeto criado de Cora Coralina no campo literário brasileiro. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 14, n. 27, p. 339-357, 2009.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados**. IPEA: Texto para Discussão n. 1.426, Rio de Janeiro, 2009.
- CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz. **Poesia e memória em Cora Coralina**. Signótica, v. 14 75-85, jan./dez. 2002.
- CORALINA, Cora. **A menina, o cofrinho e a vovó**. Global: São Paulo: 2009.
- CORREA, Mariele Rordrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- DELGADO, Andréa Ferreira. Museu e memória biográfica: um estudo da Casa de Cora Coralina. **Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 2, p. 102-117, jul./dez. 2005.
- DIAS, Cristina M. S. Brito; COSTA, Juliana Monteiro; RANGEL, Verônica Alves. Avós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC, 2005. p. 158-176.
- ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andréa Sanches. Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC, 2005. p. 24-32.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos Snhos. Primeira Parte. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996. v. IV.
- FREYRE, G. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sobre o regime da**

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 12, p. 117-128
jul./dez. 2014*

economia patriarcal. São Paulo: Global, 1963.

LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e literatura**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1967.

MOÁS, Luciane da Costa. Da família patriarcal à contemporânea. Entre o velho e o novo: o surgimento dos novos arranjos familiares. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, n. 2, p. 65-78, jan./jun. 2009.

PACHECO, Maria Eniana A. Gomes; ALVES, Sâmea Moreira Mesquita. A função social dos avós na contemporaneidade: uma análise preliminar da estrutura familiar. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, n. 8, p. 93-103, jul./dez. 2012.

PASSOS, Maria Consuelo. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC, 2005. p. 11-23.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 69-84.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

REDLER, P. **Abuelidade**. Mas allá de la paternidade. Argentina: Legasa, 1986.

VITALE, Maria Amélia Faller. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amélia Faller. (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5 ed. CEDPR-PUC. São Paulo: Cortez Editora, 2010.